



» PENSADORA

# Elizabeth Roudinesco destrincha a perversão

A psicanalista e historiadora francesa Elisabeth Roudinesco, presença ilustre na Festa Literária de Parati, passou em revista a trajetória da perversão ocidental e suas formas de bestialidade

**Schneider Carpegiani**

carpegiani@gmail.com

Enviado especial

**P**ARATI — “Você vai ter muito trabalho pela frente agora”, despediu-se a psicanalista e historiadora francesa Elisabeth Roudinesco após quase duas horas de conversa com o JC, quinta à tarde, na Pousada D'Ouro, em Parati. Toda vestida de preto e bastante objetiva, ela é infatigável ao discutir suas idéias, no caso o livro de ensaios *A parte obscura de nós mesmos*, que passa em revista a trajetória da perversão ocidental, lançado na Festa Literária Internacional de Parati (Flip). Estão lá os êxtases dos santos católicos, a prodigiosa imaginação do Marquês de Sade, a tragédia nazista e inúmeras outras formas de bestialidade.

No ensaio, Elisabeth sustenta a idéia de que a perversão se realiza como uma espécie de negativo da liberdade — aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade e gozo. Contraditoriamente, são também criatividade, superação de si e grandeza adjetivos encontrados nas obras dos grandes artistas perversos como o já citado Marquês de Sade.

Por mais que a perversão desperte fácil a atenção do público (tanto que sua conferência lotou a tenda dos autores), foi outra questão que tornou oportuna a presença de Elisabeth na Flip. A autora teve contato com alguns dos teóricos que formaram o pensamento do século 20, a maioria atuante naquele maio de 68 na França. Sua relação com eles, e a tensão presente no processo criativo destes autores, foi tema dos ensaios reunidos no livro *Filósofos na tor-*

*menta* — Ganguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida. Todos eles pensadores rebeldes, diferentes entre si e de quem, queiramos ou não, somos herdeiros.

“Esse livro foi lançado na França em 2005 sem grande popularidade. Talvez eu devesse ter esperado mais alguns anos para o livro sair. O que me incomoda é que as pessoas tratam 68 como um bloco só de pensamento, quando seus principais teóricos estavam se debatendo entre si. Não havia um pensamento único”, destacou a autora.

A pressa em lançar o livro foi de caráter pessoal: a proximidade da morte do amigo e mestre Jacques Derrida (2004). “Ele sabia que iria morrer e leu o artigo do livro em que todos os outros citados já estavam mortos”.

No artigo, Elisabeth lembra que

cada vez que participava da homenagem a um amigo, Derrida questionava qual seria o próximo a falecer. Talvez ele mesmo. Ciente desta angústia, ela presenteou Derrida com a trilogia sobre os três mosqueteiros de Alexandre Dumas. “Ele não havia lido a saga escrita por Dumas. A história do livro traz uma grande dúvida: são quatro amigos, um deles morrerá, mas qual? Derrida percebeu com a leitura que sua angústia era a dúvida ‘quando a morte chega?’”

No começo dos anos 70, Elisabeth foi aluna de Gilles Deleuze. A admiração diante do mestre só lhe dava uma saída: copiá-lo. “Mas, em 1972, eu escrevi um artigo criticando Deleuze. Ele me escreveu uma carta dizendo que eu não devia contestar o mestre nem apoiá-lo, que eu precisava fazer o meu próprio caminho. Essa é a maior lição que se pode tirar de maio de 68”.

# Modelos variam com a época

Mais que uma cerimônia de adeus, **Filósofos na tormenta** é uma crítica de Elisabeth a uma época, a atual, que ela diz estar repleta de "pensadores sem idéias". "Todos os autores que eu cito em meu livro recusaram-se a se transformar em servidores de uma normalização do homem", aponta.

A questão que norteia hoje o trabalho de Elisabeth é "o que o mundo caracteriza por perversão?". "Perversão é um jogo de poder, em que alguém submete o outro ao seu desejo. Não há problema em um grupo de adultos se trancar num quarto ou num sala e fazer todo tipo de ato perverso, desde que exista aceitação de ambas as partes, mas sem envolver assassinatos, por exemplo. Para Sade, o maior ato de perversão seria alguém morrer na hora em que comete assassinato, essa seria a maior perversão".

Para Elisabeth, a grande criação literária seria uma saída para evitar o derramamento de sangue. "Foi o que aconteceu com Sade, que foi um grande escritor. Sade escreveu em seus livros atos sexuais impossíveis de serem reproduzidos. Mas

não os cometeu. Talvez, se ele não tivesse sido um grande escritor, poderia ter realizado os atos relatados em seus livros".

A autora lembra que cada época teve seu modelo de perversão — "Houve uma época em que eram as mulheres acusadas de bruxaria, que não procriavam e foram quei-

madas na fogueira. Em outra, foi o homossexual, depois a criança masturbadora. Em Sade, só era possível o prazer a partir da sodomia. Todos eram sodomitas, até as mulheres, que

penetravam os homens com instrumentos sexuais. Em Sade não havia o homossexual perverso, todos cometiam a sodomia".

"Sade era contra a família, o Estado e a existência de um Deus. Para ele, a procriação só faria sentido se a criança, assim que nascesse, fosse retirada dos pais e criada para

servir a atos sexuais dos perversos", ressalta.

O sexo (no texto) que levou Sade de volta à prisão após a Revolução Francesa, hoje em dia foi banalizado. "As pessoas não procuram mais Sade para ler sobre sexo. O sexo é um assunto banal hoje. Sade hoje é importante apenas para os estudiosos de literatura", explica.

Diante dessa banalização do sexo, qual seria a grande perversão na arte? "Seria tratar de tudo isso, mas sem mostrar nada. É o que faz Hitchcock, o grande cineasta

da perversão. Um Almodóvar também fala de perversão, mas tudo é muito sublime".

Para Elisabeth, a grande perversão é aquela consentida pelo Estado. "Um estado perverso é o nosso grande medo hoje, é muito mais aterrador que um simples indivíduo", conclui.

## As mulheres acusadas de bruxaria e os homossexuais já foram pervertidos



**DIVERGÊNCIA** O que incomoda Roudinesco é que as pessoas tratam 68 como um bloco só de pensamento